CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

OU ISTO OU AQUILO:
Proposições metodológicas para o desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita

Gildene Lima de Souza Fernandes[1]
Manoilly Dantas de Oliveira[2]

Eixo temático: 4 - Alfabetização e infância

Resumo:
A inserção de crianças na cultura letrada é, sem dúvida, uma das finalidades primordiais da escola. Inclui-se aí o direito da criança a uma formação para ler textos ficcionais. Considerando os direitos destas ao acesso à literatura e o respeito à liberdade de pensamento e expressão, este artigo tem por objetivo refletir sobre a possibilidade de promoção do desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita com crianças do 1º ano do ensino fundamental, a partir da obra *Ou isto ou aquilo* (MEIRELES, 2012). Para tanto, toma para análise uma experiência desenvolvida em 2022, com uma turma de 22 estudantes de uma escola da rede pública da cidade de Natal/RN, Brasil. Fundamenta-se em estudos que discutem os direitos da criança, alfabetização e letramento, leitura e ensino de literatura. Os resultados revelam o potencial do texto literário para, em diálogo com outras linguagens, oportunizar o desenvolvimento das crianças, considerando seus interesses e necessidades.
Palavras-chaves: Letramento; Leitura literária; Escrita; Oralidade; Direitos das crianças.

1. Introdução

> "Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas." (Manoel de Barros)

[1]Mestra em Educação pela UFRN. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Professora da Educação Básica do Núcleo de Educação da Infância - UFRN. Contato: gilsouzafernandes@gmail.com
[2]Mestra em Educação pela UFRN. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Professora da Educação Básica do Núcleo de Educação da Infância - UFRN. Contato: manoillydantas@gmail.com

A escolha por iniciar esse texto com as palavras do poeta advém do nosso desejo de que as crianças possam se sentir felizes na escola; que este seja um lugar em que possam interagir e se expressar; que possam estar em comunhão com a natureza e com a sua cultura; que também seja um lugar de contato com outras formas de pensar e viver e de produzir cultura.

Contraditoriamente a esse desejo, na maioria das vezes, ao chegarem à escola, as crianças precisam se enquadrar a modelos de currículos pré-estabelecidos, com objetivos e metodologias definidas em relação ao que fazer/saber nas instituições de ensino. Nesse cenário, qual o espaço para verdadeiramente ser criança? Até onde as diferentes infâncias são consideradas nas ações intencionalmente pedagógicas promovidas pela escola?

Eis aí uma questão complexa, que talvez se torne ainda mais delicada com a entrada das crianças no ensino fundamental, momento da vida escolar em que se acentuam as cobranças para que aprendam a ler e escrever, tarefa que, indiscutivelmente, é papel da escola.

Considerando as expectativas em torno da aprendizagem da língua escrita nas séries iniciais do ensino fundamental e o atendimento ao direito à cultura - e à literatura -, objetivamos refletir sobre a possibilidade de promoção do desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita com crianças do 1º ano do ensino fundamental, a partir da obra *Ou isto ou aquilo* (MEIRELES, 2012).

2. Ou isto ou aquilo: definições teórico-metodológicas

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva! [...]

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo…
e vivo escolhendo o dia inteiro! [...]
(Cecília Meireles)

Numa certa tarde de 2022, realizamos a leitura oral deste poema com as crianças do 1º ano vespertino no Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAp), um colégio de aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. Esse era um dos primeiros momentos planejados visando o contato com a obra literária de Cecília Meireles. Durante a conversa de pós-leitura, uma das crianças, partiu do seu entendimento do tema abordado para explicitar as suas dúvidas em relação ao futuro: “tenho vontade de quando crescer ir estudar em fora,

mas fico em dúvida porque isso vai me distanciar dos meus pais - ou fico perto deles, ou realizo esse desejo".

Outras crianças também foram se colocando em relação às escolhas que são suscitadas pelo texto, concordando que, em algumas ocasiões, não podemos ter ou fazer duas coisas distintas. E essa brincadeira de escolher se perpetuou por muito tempo entre as crianças, que brincavam com esse jogo de palavras em vários momentos, como na hora do lanche, das atividades ou das brincadeiras.

Esse breve relato é parte de uma longa história da referida turma com a obra de Cecília Meireles e é fruto de escolhas de professoras que desejavam promover a formação leitora das crianças. Na iminência de mediar o processo de leitura e escrita, bem como o gosto pela leitura, é preciso assumir determinado referencial teórico-metodológico. É mesmo um jogo de *ou isto, ou aquilo*: ou nos baseamos em uma concepção mais tradicional de alfabetização ou em concepções que consideram a importância das práticas sociais de uso da língua. Dessa forma, apresentamos as concepções que norteiam o planejamento e realização do trabalho e que nos fazem escolher *por isto e não por aquilo*.

Comecemos pela conceituação legal de criança. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 2012), criança é a pessoa de até doze anos incompletos. Resgatando o conceito apresentado pelas Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Infantil, a criança é:

> Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Reconhecemos a criança como sujeito que é – e não que virá-a-ser -, dotado de singularidades e potencialidades. Por serem tão diversas e viverem em contextos tão distintos, usamos a palavra *infâncias*, para nomear uma fase que é vivida de forma tão peculiar, de acordo com diversos espaços e em diferentes tempos.

Essa visão da criança como ser histórico-cultural está alicerçada no sociointeracionismo de Vigotski, que nos ensina que aquilo que criança consegue fazer hoje, com a ajuda do outro, conseguirá fazer sozinha, amanhã. Ou seja, é pela mediação que a criança vai ser capaz de avançar no que ele chama de Zona de Desenvolvimento Proximal – ZPD (VIGOTSKI, 2007).

Subsidiados por essa compreensão, entendemos que o professor deverá ser um mediador entre a criança e os conhecimentos construídos historicamente pela humanidade, arcabouço do qual são estruturados os currículos escolares. Cabe também à escola, o papel importante para assegurar o cumprimento dos direitos invioláveis das crianças, como o

"desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade" (BRASIL, 2012, p. 11).

Dentre as oportunidades que devem ser asseguradas às crianças e que são de responsabilidade da escola, consideramos que está o acesso à cultura letrada e o desenvolvimento da plena capacidade de fazer uso da língua materna para as mais diferentes finalidades. Entendemos que a criança precisa alcançar, para além da condição de decifrar o que está escrito, a capacidade de realizar os usos sociais da língua, conforme os teóricos que discutem a aquisição da leitura e da escrita, na perspectiva do letramento.

Para Soares (2009) o aparecimento do termo letramento ao lado do termo alfabetização é fruto de uma mudança histórica na concepção da aprendizagem da leitura e escrita do nosso país: apenas a aprendizagem da tecnologia do ler e escrever não é suficiente para a formação esperada. Muito mais que saber grafar o nome ou mesmo uma frase, por exemplo, esperamos que a criança consiga perceber a necessidade da escrita e utilizá-la para as mais diversas finalidades e nas mais variadas situações comunicativas.

Dentre a produção cultural a que as crianças têm direito, queremos destacar a Literatura - arte que usa a linguagem como "matéria-prima", definida por Candido (2011) como uma manifestação universal de todos os homens, em todos os tempos. É por meio do texto literário que o indivíduo será capaz de transitar entre ficção e realidade, sendo assim fortalecido pelas experiências diferenciadas que poderá experimentar, sem correr os riscos do mundo real (AMARILHA, 2013). Para teóricos da estética da recepção, o texto literário é desencadeador do prazer, que "se realiza na oscilação entre a contemplação desinteressada e a participação experimentadora, é um modo da experiência de si mesmo na capacidade de ser outro" (JAUSS, 1979, p 77).

Esse entendimento justifica a importância que atribuímos à formação literária das crianças, pela humanização que é possibilitada por essa arte. Escolhemos ler poesia com e para as crianças, pela natureza "brincante" deste gênero e por entendermos que: ler é atribuir sentido ao texto; "a experiência de leitura leva a mais conhecimento sobre a própria leitura" e que "os autores ensinam como escrever aos leitores" (SMITH ,1989, p. 212).

Socializamos, a seguir, o relato e alguns resultados da experiência a que se refere este artigo, planejada com o intuito de valorizar o potencial do texto literário e a liberdade criadora das crianças, em consonância com os propósitos de aquisição de leitura e escrita previstos para o 1º ano do ensino fundamental.

3 O mosquito que escreve (ou resultados e discussões)

O Mosquito pernilongo
trança as pernas, faz um M,
depois, treme, treme, treme,
faz um O bastante oblongo,
faz um S.

O mosquito sobe e desce.
Com artes que ninguém vê,
faz um Q,
faz um U e faz um I.

Esse mosquito
esquisito
cruza as patas, faz um T.

E aí, se arredonda e faz outro O,
mais bonito.

Oh!
já não é analfabeto,
esse inseto,
pois sabe escrever o seu nome.

Mas depois vai procurar
alguém que possa picar,
pois escrever cansa,
não é, criança?

E ele está com muita fome.

(Cecília Meireles)

Queríamos que escrever fosse para as crianças algo natural e brincante como para o mosquito inventado por Cecília Meireles. Afinal, assim como ele, nossas 22 crianças, com idade entre 5 e 6 anos, já gostavam de se sentir conhecedoras das letras, estando elas justamente no primeiro ano do ensino fundamental, período em que as mais exigentes expectativas se concentram em torno de que aprendam a ler e escrever.

Ainda bem que estávamos, enquanto docentes e crianças, inseridas em uma escola que defende a flexibilização do currículo e a necessidade de participação das crianças. Afirmamos isso pelo fato do NEI-CAp-UFRN adotar a abordagem metodológica interdisciplinar intitulada Tema de Pesquisa, na qual as crianças decidem, à luz das provocações/mediações docentes, o que querem estudar.

Outra peculiaridade desta instituição é a realização de ações significativas, em paralelo aos temas de pesquisa. Uma das ações de fomento à leitura, que já foi incorporada à rotina

da escola, é a escolha de um livro literário, por ano, para um trabalho de mediação de leitura em que todas as crianças da turma estejam de posse da mesma obra.

Em 2022, nós, professoras, escolhemos como livro literário comum a obra Ou isto ou aquilo, de Cecília Meireles. Consideramos que este seria um livro que poderia favorecer o encontro prazeroso entre os pequenos leitores e a literatura. Também consideramos que os textos escolhidos devem considerar que elas estão em uma idade em que as brincadeiras deveriam permear também as práticas de leitura e de escrita.

Nossa acertada escolha foi prontamente confirmada, quando uma das meninas da turma socializou o coincidente fato de seu nome ser uma homenagem à escritora Cecília Meireles. Esse fato logo nos motivou a investigar com as crianças quem era essa escritora tão inspiradora. Para tanto, orientamos que elas explorassem um site com a biografia de Cecília Meireles[3], encaminhando um breve roteiro orientativo para as famílias. No dia seguinte, as crianças puderam partilhar as descobertas que consideraram interessantes.

Diariamente, vivenciamos na rotina da turma o momento da leitura. Nele, uma das docentes ou as próprias crianças socializam um texto, seja através da leitura oral, da apresentação de imagens ou simplesmente da contação oral. Eis uma outra oportunidade riquíssima de desenvolvimento da leitura e da oralidade, que costuma ainda mais ser mais ampliada por usarmos a metodologia da andaimagem para as sessões de leitura. A *experiência por andaimes*, objetiva “assistir um grupo particular de estudantes a ler com sucesso, entender, apreender e apreciar uma seleção particular de texto” (GRAVES; GRAVES, 1995, p. 1).

Essa abordagem para a leitura compreende que a sessão de leitura deve ser composta por: a) pré-leitura – momento de suscitar a curiosidade, levantar as expectativas e conhecimentos prévios; b) leitura – realizada oralmente pelo mediador de leitura; c) pós-leitura: momento de debate ou realização de outras ações que favoreçam a ampliação da interação/compreensão do texto literário. Tal sequência, previamente planejada, criava situações de deleite, uso da oralidade, bem como desafios de leitura e de escrita diversos. As imagens a seguir, representam alguns desses momentos:

[3] Link do site utilizado para a atividade: https://www.ebiografia.com/cecilia_meireles/

Crianças lendo coletivamente, individualmente e ordenando os versos de um poema.

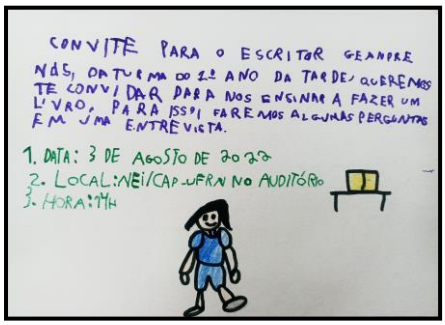
Percebemos o quanto o trabalho com os poemas foi favorável para a apropriação do sistema alfabético de escrita (MORAIS, 2012), tendo em vista que a estrutura em versos possibilita uma melhor relação entre som e grafia. As imagens acima, flagraram momentos importantes em que as crianças perceberam sua capacidade para ler, mesmo ainda não dominando o exercício da leitura convencional.

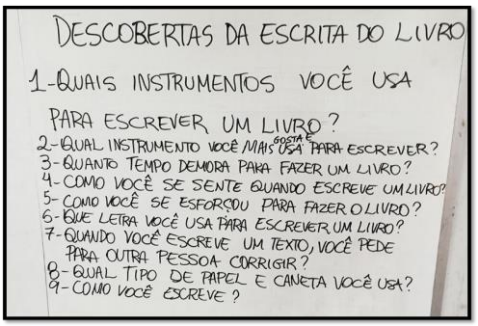
As crianças tiveram a oportunidade de realizar a leitura de poemas com os livros em mãos, observando a escrita e as ilustrações. Em algumas propostas, puderam realizar a leitura do poema de forma ampliada em cartolina e, em outras vivências, puderam experimentar brincadeiras com a sonoridade do poema. As diferentes formas de ler os textos da obra possibilitaram às crianças a ampliação da compreensão dos textos lidos (GRAVES; GRAVES, 1995).

A oportunidade de se expressar através do corpo foi explorada através da brincadeira sugerida pelo poema *A bailarina*. Esse tipo de vivência é muito convidativa pelo texto literário, que transporta seus leitores para experimentarem diferentes papéis e para diferentes lugares (AMARILHA, 2013).

Crianças inventando movimentos enquanto a professora lia *A bailarina*.

Com o intuito de atender às curiosidades das crianças sobre o trabalho do escritor, convidamos para uma entrevista o pai de uma das crianças da turma, que acabara de lançar um livro. Como preparação para este momento, exploramos alguns gêneros textuais propícios ao contexto: de forma coletiva, elaboramos um convite chamando o pai para participar da entrevista. Depois, realizamos o exercício coletivo de elaboração de um roteiro com as questões que seriam perguntadas. Estas foram excelentes oportunidades para explorar com as crianças as características desses gêneros e orientar o uso da escrita e da fala nessas situações comunicativas (SOARES, 2020). As imagens registram o roteiro da entrevista e o momento em que a turma recebe o convidado.





Convite e roteiro elaborado coletivamente. Momento de realização da entrevista.

Após a experiência, as crianças escreveram um relato coletivo, tendo a professora como escriba, contando suas impressões acerca do encontro. Queremos ressaltar a valiosa oportunidade das crianças pensarem sobre a escrita e de como o gosto pela leitura e a formação de repertório é algo que começa muito antes de um escritor iniciar qualquer livro.

Também organizamos, juntamente com as crianças, um sarau literário. Para este evento cada criança foi orientada a explorar o livro - em casa e na escola - no intuito de escolher o poema que gostaria de apresentar. Essa atividade envolveu muitos dias de preparação, entre socialização dos poemas favoritos, ensaios, elaboração de convites e também a elaboração de um cartaz para o evento.

Crianças se apresentando no Sarau Literário do 1º ano vespertino.

As famílias foram convidadas a participar do sarau. As crianças leram ou declamaram, ao seu modo, numa demonstração de que vivenciaram, de forma peculiar, um encontro frutífero com a literatura. Destacamos o quanto a exploração de uma obra literária, somada aos interesses e ideias que foram acatadas, possibilitou a interação com vários gêneros

textuais, oportunizando reais situações de uso da escrita e de outras linguagens de forma prazerosa e significativa.

4 O eco (ou Considerações Finais)

O menino pergunta ao eco
Onde é que ele se esconde.
Mas o eco só responde: Onde? Onde?
[...]
Cecília Meireles

Ao rememorar as experiências com as crianças do 1º ano vespertino de 2022 do NEI-CAp-UFRN, consideramos que estas possibilitaram muitas aprendizagens. Normalmente, esperamos que nossas ações pedagógicas resultem em respostas imediatas, como uma espécie de eco. Mas o eco às vezes se esconde. Na verdade, as ações formativas que compartilhamos estão relacionadas a processos de aprendizagem que não se findam em um ano. Pelo contrário, deverão ter continuidade durante a vida escolar das crianças, pois muito se têm a aprender pela fala, pelo corpo, pela pintura, pela leitura e pela escrita.

Esperamos que as crianças envolvidas nesta experiência continuem construindo o seu repertório literário e definindo o seu perfil enquanto leitoras e escritoras. Que os encontros aqui relatados com a leitura literária possam ecoar plenamente.

Desejamos ainda que a experiência aqui compartilhada possa inquietar outros docentes e ser objeto da importante discussão sobre a formação de crianças. Que possamos lembrar do quanto elas podem aprender se sentindo livres, *brincando no chão, entre formigas*.

Referências

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas**: educar para ler ficção na escola. São Paulo: Livraria da Física, 2013.

BARROS, M. De. **Memórias inventadas**: as Infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. 9. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. 2010.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. 7º ed. São Paulo: Global, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5º ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GRAVES, M. F.; GRAVES, B. B. The scaffolding reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of text. **Reading**, April. 1995.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Hans Robert Jauss et al. Luiz Costa Lima (organização e Tradução). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MORAIS, Arthur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. - São Paulo: Editora melhoramentos, 2012.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. 7 ed. São Paulo: Global, 2012.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. - São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7. ed. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.